

■ Declaração do Comité de Organização pela Reconstituição da IVª Internacional (CORQI)

28 de Fevereiro de 2022



TROPAS RUSSAS FORA DA UCRÂNIA! DISSOLUÇÃO DA NATO!

Nem Putin, nem Biden e seus aliados, não à união nacional com os governos fautores de guerra!

1 A guerra iniciada na Ucrânia pela invasão das tropas russas provoca a legítima indignação dos trabalhadores do mundo inteiro.

Logo nos primeiros minutos do conflito, o Comité de Organização pela Reconstituição da IVª Internacional (CORQI) condenou a agressão, exigindo a retirada imediata das tropas russas. Fiel aos princípios de independência da classe trabalhadora, o CORQI apelou, do mesmo passo, aos trabalhadores e organizações para que se recusassem a alinhar na união nacional com que se pretende unir as organizações dos trabalhadores aos capitalistas e governos de cada país, a pretexto da condenação exclusiva do governo russo. Sendo a responsabilidade criminosa do regime de Putin uma evidência, o facto é que o contexto em que ela se inscreve é marcado por meses e meses de escalada militar e por provocações cuja responsabilidade cabe ao imperialismo americano e ao seu braço armado, a NATO, e a todos os governos capitalistas alinhados debaixo da sua bandeira. Os lutadores pela reconstituição da IVª Internacional, fiéis à bandeira do internacionalismo proletário, recusam seguir os dirigentes de organizações de trabalhadores que têm aceitado integrar o quadro de união nacional com os governos fautores de guerra. Os lutadores pela reconstituição da IVª Internacional consideram que o principal inimigo da classe trabalhadora em cada país é o seu próprio governo. Esta orientação teve expressão prática, por exemplo, no apelo lançado, em França, pelo Partido Operário Independente Democrático (de que são membros os militantes do CORQI em França). O título do apelo era: “Abaixo a guerra!”; declarava ainda: “*Nós, em França, trabalhadores e jovens, não queremos nada com a guerra, estamos ao lado dos trabalhadores da Ucrânia, vítimas da invasão de Putin, ao lado dos trabalhadores russos que se manifestam contra a guerra, ao lado dos trabalhadores do mundo inteiro amantes da paz e da liberdade. Não depositamos nenhuma confiança em Macron, que, no exterior, trava guerras contra os povos, nomeadamente em África e, no interior, uma guerra social contra os trabalhadores e os jovens. Não há saída com Putin, nem com Biden, nem com Macron, todos eles fautores de guerra. A saída está na unidade dos povos e dos trabalhadores do mundo inteiro contra a guerra e a exploração. Tropas russas, fora da Ucrânia! Tropas francesas, fora de África! Tropas americanas e da NATO, fora da Europa!*”

O CORQI regozija-se pelos milhares de trabalhadores e jovens que, em três dias, assinaram o apelo do POID,

assim dizendo que, em França como em todos os grandes países imperialistas, os trabalhadores recusam seguir as consignas dos dirigentes das organizações de trabalhadores que os chamam a unirem-se às suas próprias burguesias.

2 Em prefácio à sua brochura “*O Imperialismo, Estádio Supremo do Capitalismo*”, dizia Lenin, em 1917, que a brochura devia servir para os trabalhadores compreenderem “*um problema económico capital sem cujo estudo é impossível compreender seja o que for do que é a guerra hoje e do que é a política hoje, refiro-me à natureza económica do imperialismo.*” Nessa mesma obra, Lenin especifica: “*As guerras imperialistas são absolutamente inevitáveis enquanto subsistir a propriedade privada dos meios de produção.*” Fora do contexto do imperialismo decadente e em decomposição, não se pode compreender a guerra iniciada com a entrada das tropas russas na Ucrânia. O que era aplicável à primeira guerra imperialista mundial de 1914-18 também se aplica à guerra actualmente em curso, embora o contexto seja evidentemente diferente. A guerra actual, embora não sendo uma guerra mundial, tem aspectos de guerra mundial. No terreno ucraniano em que se defrontam, directamente, Rússia e Ucrânia, estão também, atrás da Ucrânia, as principais potências imperialistas reunidas na NATO. E, de modo porventura menos directo, a ofensiva imperialista contra a Rússia visa igualmente a China.

3 Quais são as raízes económicas da guerra? A crise profunda do regime capitalista assente na propriedade privada dos meios de produção.

A sobrevivência de tal regime faz-se à custa de processos que se afastam cada vez mais da esfera da produção de mais-valia, retornando depois a ela sob a forma de uma pressão reforçada sobre a classe operária e as suas organizações. Lembremos a pergunta que Nixon fez em 1971, quando o imperialismo decidiu desvincular o dólar do ouro: “*então e a seguir, o quê?*” Desde essa altura, a classe dirigente provocou todas as manipulações especulativas, monetárias e financeiras que nos trouxeram bolhas especulativas e crises sucessivas, nomeadamente em 2000, 2007-08 e, mais recentemente, por ocasião da pandemia. Depois da queda do muro de Berlim, generalizou guerras sem fim, despedaçando nações e fazendo os povos pagarem a necessidade de desenvolver

uma indústria de armamento em constante expansão. Reduz-se sempre tudo à fórmula de Marx: “o capital é dinheiro sempre a desabrochar”. E, para desabrochar seja lá como for, ele há-de continuar a desabrochar mesmo quando se tornam cada vez mais escassos os meios para se valorizar na produção directa de mercadorias. Daí que, hoje, os accionistas sejam cada vez mais investidores institucionais de considerável potência financeira: fundos de investimento, fundos soberanos, etc., que drenam montanhas de capitais e, graças à desregulamentação, os deslocam com incrível agilidade. Ramos inteiros da indústria são declarados “obsoletos” de um dia para o outro, por não serem suficientemente rentáveis – e são, conseqüentemente, liquidados.

4 A crise do regime assente na propriedade privada dos meios de produção reflecte-se na generalização da tendência para a “transformação das forças produtivas em forças destrutivas”.

Se Marx já falava nesta tendência, na época imperialista ela vai-se avolumando. De entre essas forças destrutivas, uma avulta cada vez mais: a indústria do armamento, o “militarismo”, para usar a expressão de Rosa Luxemburgo no início do séc. XX. Um mercado em constante desenvolvimento, que engole biliões de dólares dos orçamentos nacionais e que tem esta particularidade: o consumo das mercadorias que produz – as armas – exige que surjam cada vez mais conflitos e guerras. É um mercado esmagadoramente dominado pelas grandes multinacionais dos Estados Unidos. Das 100 principais empresas que dominam o mercado do armamento, 51 são norte-americanas; das cinco maiores, todas o são. Quanto à administração Biden: em Dezembro de 2021, ela pôs à votação o mais elevado orçamento militar de toda a história dos Estados Unidos, 778 mil milhões de dólares.

5 Na origem da crise actual na Ucrânia está a ofensiva dirigida pelo imperialismo americano para reforçar a presença da NATO no Leste da Europa.

“Os aliados executaram as decisões adoptadas na cimeira de Varsóvia de 2016, a saber, estabelecer uma presença avançada da NATO na Estónia, na Letónia, na Lituânia e na Polónia e desenvolver uma presença avançada adaptada na região do Mar Negro”. A própria NATO (na sua página em linha, Janeiro de 2022) reivindica tal política de cerco e pressão militar sobre a Rússia – política inseparável da sua política global que tem o objectivo de cercar militarmente a China e passar à ofensiva contra ela.

6 No último ano, a ofensiva específica do imperialismo americano contra a China tem-se acentuado consideravelmente. Porquê?

Em primeiro lugar, porque a China é um mercado imenso e que não está inteiramente ao dispor do capital financeiro dos Estados Unidos. Um mercado que, mesmo na parte acessível ao capital, o obriga a sujeitar-se às condições postas pela burocracia no poder na

China, obstruindo as condições de exploração directa da força de trabalho chinesa nos termos exigidos pelo capitalismo americano. A pandemia pôs de manifesto que o Partido Comunista Chinês conseguiu, durante a pandemia, por se manter o seu monopólio do poder político e o seu controlo da economia, por se manter o monopólio do comércio externo e da criação monetária, seguir um caminho diferente do imperialismo americano e dos outros imperialismos. Escrevendo-o, não estamos a dar um sinal mais ao poder chinês. Enunciamos simplesmente um facto objectivo. A burocracia conseguiu-o por ter o poder político e económico concentrado nas suas mãos, contradizendo a “lei do mercado” e da “livre empresa”.

7 Isso nada tira ao carácter completamente contra-revolucionário e anti-operário da burocracia chinesa.

Esse carácter mostrou-o ela, nos meses mais recentes, quando mandou proibir e liquidar os sindicatos operários de Hong Kong, quando mandou reprimir trabalhadores e greves na China continental, etc. Não obstante, a ofensiva do imperialismo americano contra a China é reflexo de como a propriedade estatal, ainda que confiscada pela burocracia, é intolerável para o imperialismo. É isso que está por trás da mudança qualitativa na natureza das declarações do imperialismo sobre a China no ano transacto. Foi isso que Biden articulou, no dia 31 de Agosto, depois de sair do Afeganistão o último soldado americano, quando anunciou a “nova estratégia dos Estados Unidos”, que passariam a estar “metidos numa competição séria com a China”. Tudo aquilo que, durante anos, fora do foro da crítica e da declaração transforma-se agora em ameaça de guerra. Não só em palavras: em actos. As modificações do dispositivo militar do imperialismo americano em preparação do choque com a China não têm conta: das manobras no Mar da China e ao largo de Taiwan às novas alianças militares (Aukus, com a Austrália e o Reino Unido, Quad com a Austrália, a Índia e o Japão) e à criação de um centro da CIA especialmente dedicado à China, etc. Por trás de tudo isto está a questão fundamental da extorsão de mais-valia pela exploração capitalista.

8 A oligarquia russa (saída da decomposição da burocracia) nasceu das privatizações-pilhagem da propriedade do Estado na URSS iniciadas há mais de trinta anos, quando a burocracia levou até às últimas consequências a sua natureza “restauracionista”, liquidando as relações sociais saídas de Outubro de 1917 e verificando o prognóstico de Trotsky em “A Revolução Traída”: “A queda da actual ditadura burocrática, a não ser substituída por um novo poder socialista, anunciaria, assim, o regresso ao sistema capitalista, com uma queda catastrófica da economia e da cultura.” A pilhagem das capacidades produtivas do país herdadas da URSS confere à camada oligárquica quer um poderio parasitário na economia russa quer um certo lugar à escala mundial (onde a economia mafiosa passou a ser um sector com importância crescente). Esse grupo tem, nomeadamente, sob o seu controlo grandes empresas que produzem e exportam gás e petróleo. A oligarquia russa é de natureza capitalista, no sentido da sua inserção na economia capitalista mundial. Mas não está em pé de igualdade com as velhas

potências imperialistas, conforme aprendeu à sua custa ao perder bilhões em 2008. Ela está disposta a aliar-se a quem se lhe queira aliar, desde que isso lhe sirva para preservar, ou tentar preservar, a sua posição à escala nacional e regional, mas sem nunca pôr em causa a ordem mundial dominada pelo imperialismo americano. Nos anos mais recentes, viu-se a oligarquia russa, em várias situações, ao lado do imperialismo americano contra os povos. Por exemplo na Síria, em nome da pretensa “luta contra o Daesh”. E quando, mais recentemente, no início de Janeiro de 2022, o regime de Putin mandou tropas russas esmagar a revolta operária no Cazaquistão, fê-lo em nome da protecção dos interesses das grandes multi-nacionais norte-americanas e europeias que pilham os gigantescos recursos naturais daquele país.

9 No conflito – que, para já, não é um conflito militar aberto – entre a China e os Estados Unidos, a oligarquia russa tem, por razões próprias, apostado na carta chinesa.

Mas isso pode mudar já amanhã, como é evidente. O objectivo de Putin e do seu círculo, ao apostar na carta chinesa, era, tudo o indica, conseguir aliviar um pouco o arrocho do imperialismo americano. Pelas suas próprias razões, a China apostou também, até certo ponto, na carta da Rússia. Repare-se, porém, que, desde a invasão da Ucrânia, o apoio da China à Rússia é muito moderado. Na sua ofensiva geral de militarização do planeta e para tentar restaurar o seu controlo e preparar condições para uma ofensiva contra a China, o imperialismo americano aproveitou a posição russa como pretexto para provocar a escalada, de certo modo armando uma ratoeira a Putin, que caiu nela.

10 O imperialismo americano aproveita a ocasião para atrelar a si todos os outros imperialismos e pô-los sob a sua estrita direcção militar, muito embora sejam bem reais as contradições entre eles, pois não há “super-imperialismo”. Assim, o imperialismo alemão tem as suas próprias razões para não ir atrás do imperialismo americano até às últimas consequências, até porque são os capitalistas alemães quem mais interesses económicos e comerciais tem na Rússia e mais tem a perder, a começar pelo gasoduto Nord Stream 2, que abastece a indústria alemã de gás russo barato e cuja licença de operação o governo alemão acaba de “suspender”. As sanções tomadas contra a Rússia no plano económico ir-se-ão repercutir nas países emissores das sanções, mas não na mesma proporção para todos: a Alemanha será a mais afectada pelas consequências das sanções contra a Rússia, em menor medida a França e outros. Uma contradição, também, para Macron e para as instituições da União Europeia, já que, quanto mais a crise se desenvolve, mais a “Europa” aparece como “Europa-NATO” e não como “Europa-União Europeia”. Ora, Macron, no jogo político que é o seu e pela posição que lhe interessa ocupar, tem interesse em apostar mais na carta da União Europeia do que na da NATO, mais na carta da diplomacia do que na da guerra. Ainda assim, a política do imperialismo americano impõe-se-lhes a todos, obrigando os capitalistas alemães, franceses, etc., a alinharem-se atrás dele.

11 Assim se assiste ao rachar daquilo a que se chamava a “construção europeia” e suas instituições.

Todas as potências imperialistas europeias, incluindo a Alemanha e a França, estão cada vez mais “a reboque” dos Estados Unidos. Em consequência disso, quem mais se fez ouvir nas circunstâncias actuais foi o primeiro-ministro britânico, Boris Johnson; não estando preso à defesa do espartilho da União Europeia, surgiu como representante quase oficial e directo dos interesses americanos no continente europeu.

12 Escrevemos a presente declaração enquanto lavram combates nos arredores de Kiev.

Poder-se-ia pensar que, ao fim de meses de conversações, de escalada e de provocações de ambos os lados, quem acabasse por estar numa posição de força fosse o regime de Putin. Mas não será só aparência? Conforme escrevemos há poucas semanas, citando um militante antiguerra dos Estados Unidos: e se fosse Biden quem tivesse interesse em que a Rússia invadisse a Ucrânia, por exemplo para justificar um aumento constante do orçamento militar americano, a expansão do seu dispositivo militar, para prejudicar os acordos comerciais dos seus concorrentes imperialistas na Europa, etc. Não é exactamente o que se está a passar? Repetindo um esquema de que já se tem socorrido em múltiplas circunstâncias, o imperialismo americano (e, atrás dele, todos os outros imperialismos) fez força por que a guerra rebentasse – e está bem decidido a que a guerra esgote os beligerantes, especialmente a Rússia sujeita às sanções económicas. Como em muitas instâncias passadas, o imperialismo americano faz tentativas de tirar as castanhas do lume envolvendo-se o menos possível no conflito propriamente dito; os povos da Ucrânia e da Rússia que se danem, pagando caro as consequências – é a lógica do imperialismo. Conforme referia um universitário francês: “*O conflito entre a Ucrânia e a Rússia reforça a posição dos americanos e da NATO face à China.*” (25 de Fevereiro).

13 Um aspecto chave da actual situação, de que o imperialismo faz tentativas de tirar todo o proveito, é a união nacional que os governos apelam a selar à sua volta.

É assim no caso do apoio oferecido pelos principais dirigentes do movimento sindical dos Estados Unidos a Biden. É o caso da declaração de Starmer, o dirigente do Partido Trabalhista britânico, ao pôr-se, em continência, atrás de Johnson por “*Putin querer ver divisão entre os nossos aliados, entre os nossos membros da NATO e entre os partidos políticos aqui no Reino Unido. Não nos vamos dividir.*” É ainda o caso da política de Scholz e dos dirigentes do SPD, no governo de coligação com a burguesia na Alemanha. É assim, em França, no caso dos deputados do Partido Socialista, do Partido Comunista e da *França insoumise*, ao aplaudirem de pé, no dia 25 de Fevereiro, o discurso belicista de Macron. Discurso que mereceu o seguinte comentário de Jean-Luc Mélenchon: “*O presidente não disse nada de especial. Compreende-*

se. *Ele pede a unidade do país. Se é sincero, que faça por isso.*” (24 de Fevereiro)*. No mesmo dia, Mélenchon, depois de se pronunciar em “apoio às sanções” contra a Rússia (Francetvinfo.fr, 25 de Fevereiro), afirmou que “para a União Europeia, chegou o tempo da protecção mútua.” (comunicado, 24 de Fevereiro). É assim, ainda, embora em moldes diferentes, no caso do apoio dado à intervenção militar na Ucrânia por Ziuganov, do Partido “Comunista” da Federação da Rússia, um mês e meio depois de apoiar a intervenção militar contra a revolta operária no Cazaquistão.

14 Em cada país, a união nacional visa abrir caminho a uma ofensiva brutal e imediata contra a classe trabalhadora, contra o movimento operário, em nome do “todos contra a Rússia”. Já se anuncia que à vertiginosa alta dos preços nos meses mais recentes se irá inevitavelmente acrescentar um surto dos preços do gás e do petróleo, do trigo e, por conseguinte, do pão, das massas, etc. A ofensiva contra o poder de compra das massas no mundo inteiro, que já há meses adquire brutalidade extrema, encontrará aí, nessa aparente “inevitabilidade”, um argumento para se agravar.

15 O CORQI condena os responsáveis pelo sofrimento imposto ao povo ucraniano: a agressão militar russa e a guerra.

Condena os responsáveis pelo sofrimento que vai ser imposto ao povo russo pelo efeito das sanções económicas, sem falar do agravamento da repressão que o regime não deixará de abater sobre os trabalhadores e o povo da Rússia. Acaba, aliás, de o fazer, ao prender milhares de participantes em manifestações contra a guerra. Para o CORQI, possa embora a resposta bélica de Putin resultar da provocação do imperialismo, nem por isso ela deixa de ser inteiramente reaccionária. Sejam quais forem as circunstâncias e o contexto global, a agressão militar russa contra a Ucrânia enquadra-se na continuidade da secular opressão chauvinista “grã-russa” contra o povo ucraniano. Na opressão do império czarista, “prisão dos povos”, na opressão estalinista que ressuscitou a opressão nacional, nomeadamente contra o povo ucraniano. Assim, uma vez mais se manifesta a natureza contra-revolucionária da oligarquia russa, tal como, há mês e meio, ela se manifestara no esmagamento sangrento da revolta operária do Cazaquistão.

16 De notar que, no seu discurso de 22 de Fevereiro, a justificar a intervenção, Putin denunciou a existência da Ucrânia como consequência da revolução de Outubro de 1917.

Havia, ironizou, que rebaptizá-la em “Ucrânia de Vladimir Ilitch Lenin”. Isto, apelando à “descomunização” da Ucrânia às botas do seu exército. Da parte deste antigo agente da polícia política do estalinismo reciclado às privatizações mafiosas, foi uma homenagem involuntária à revolução operária na Rússia. Foi, realmente, a revolução de Outubro de 1917 que libertou as nacionalidades oprimidas do antigo império czarista e abriu caminho à Ucrânia independente. O que Putin, com o seu lembrete,

estava a dizer às potências capitalistas ocidentais, era: “Nós estamos do mesmo lado, o lado da opressão dos povos, o lado dos anticomunistas; não se enganem de adversário.”

17 Combatendo pela reconstituição da IVª Internacional, o CORQI reivindica a política de Lenin sobre a questão nacional: “*Atemo-nos firmemente ao que não sofre contestação: o direito da Ucrânia a constituir tal Estado. Respeitamos esse direito. Não apoiamos os privilégios do grão-russo sobre os ucranianos; educamos as massas no espírito do reconhecimento desse direito, no espírito do repúdio pelos privilégios de Estado seja de que nação for.*” (“Do Direito das Nações a Dispor de Si Mesmas”, 1914). O CORQI está ao lado dos trabalhadores e do povo ucraniano agredidos, ao lado dos milhares de trabalhadores e jovens que, na Rússia, desde o dia 24 de Fevereiro, têm saído à rua ao grito de “*Não à Guerra!*”, está ao lado das organizações de trabalhadores que, na Rússia e na Ucrânia, têm corajosamente condenado a intervenção russa. Por isso a IVª Internacional avança as palavras de ordem de “*Retirada das tropas russas da Ucrânia!*” e de “*Respeito da soberania da Ucrânia!*”, pois que esta não se tornará real nem sob a bota do exército russo nem com o actual governo ultra-reaccionário e vendido ao imperialismo.

18 Condenando a intervenção russa, a IVª Internacional não pode participar em nenhuma forma de “união nacional”.

Todos os que denunciam a intervenção russa, mas calam a responsabilidade criminosa do imperialismo, da NATO e do seu próprio governo capitalista estão metidos com a união nacional. As organizações do CORQI afirmam: “*Nem Putin, nem Biden, nem Macron, nem Scholz, nem Johnson, etc.*” e ligam a exigência de “*retirada das tropas russas da Ucrânia*” à exigência de “*Nem um soldado do nosso país para a NATO na Europa de Leste!*”, “*Não às sanções contra a Rússia!*”, relacionando-a, em França, por exemplo, com a palavra de ordem “*tropas francesas, fora de África!*” Lutar contra todas as formas de união nacional implica, em cada país, ajudar os trabalhadores a realizarem a sua própria luta de classes e a lutarem por manter a independência das organizações dos trabalhadores. Combater pela unidade dos trabalhadores e das suas organizações contra o seu próprio governo imperialista. Tal é a única posição operária internacionalista que se coaduna com os interesses dos trabalhadores do mundo inteiro. É com estas palavras de ordem que as organizações do CORQI farão parte integrante das mobilizações operárias contra a guerra. É com esta orientação que preparam a **conferência mundial contra a guerra e a exploração, pela Internacional Operária (Paris, 29-30 de Outubro de 2022)**.

* Note-se que o centro revisionista que provocou a cisão da IVª Internacional em 2015 e cujos adeptos, em França, estão integrados na União Popular de Mélenchon e aplicam a sua política, ousou, no dia 26 de Fevereiro, publicar uma declaração, fraudulentamente assinada por um “secretariado internacional da IVª Internacional”, que, tomando posição contra a união nacional de maneira genérica, não evocava (e menos ainda denunciava) a posição dos deputados da União Popular sobre a união nacional!